

O POSSÍVEL ESTADO DE EMPATIA NA RECEPÇÃO VIRTUAL

Raimundo Kleberson de Oliveira Benício¹

RESUMO:

O objetivo deste recorte tem como foco apresentar alguns tensionamentos aos objetos da instalação-filme *Black Lake* (2015) e *Stonemilker* (2015) da artista irlandesa Björk Guðmundsdóttir. Para isso, são reunidos diferentes materiais de experiências empíricas receptivas de usuárias e usuários natos da internet dos referidos objetos. Por fim, o texto contribui com reflexões em torno de um campo deslizante que é o da recepção virtual e sua relação mais íntima com a virtualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Virtualidade; Recepção Virtual; Videoclipes de Björk.

ABSTRACT:

The purpose of this cutout is to present some tensions to the objects of the installation-film *Black Lake* (2015) and *Stonemilker* (2015) by the Irish artist Björk Guðmundsdóttir. For this, different materials of receptive empirical experiences of users and natural users of the internet of these objects are gathered. Finally, the text contributes with reflections around a sliding field that is that of virtual reception and its most intimate relationship with virtuality.

KEYWORDS: Virtuality; Virtual Reception; Björk music videos.

1 Artista Múltiplo. Mestre em Artes Cênicas. Contato: raimundo.oliveira@urca.br. O presente recorte é parte da dissertação de mestrado "A Mutabilidade das Recepções: do presencial ao virtual" do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA).

MEU ENCONTRO COM BJÖRK

Parte deste recorte vem de reflexões de um corpo pedalando. Fui aprendendo lentamente que os escritos dizem muito de nós, escrevi porque meu corpo pediu e, então, me abri para que pudesse ter uma noção de onde esse atravessamento atingiu-me. Percebi que a pesquisa é parte de um labirinto pessoal que passa por vários reajustes e nossa imersão com os objetos de algum modo, se complementam com algumas situações e vivências cotidianas.

No processo de escrita da dissertação do mestrado e cursando a disciplina Laboratório de Performance, ministrada pela Professora Ciane Fernandes, do PPGAC/UFBA, no período de agosto à dezembro de 2019, descobri pontos ativadores do meu corpo que permitiram uma estimulação criativa. Ou seja, nos encontros das aulas pensávamos como o corpo em ação/movimento poderia contribuir para uma aproximação com o objeto de estudo de cada pesquisadora².

Com isso, nos finais da tarde entre os meses de agosto a dezembro, pedalei na orla do Rio Vermelho, bairro de Salvador/BA, escutando as músicas da artista Björk Guðmundsdóttir³ (que conhecia apenas seus videoclipes). Ao pesquisar mais sobre a artista encontrei no vídeo imersivo de realidade virtual *Stonemilker* (2015) e na instalação-filme *Black Lake* (2015), diversos compartilhamentos das usuárias e usuários virtuais. Campo fértil para agregar e complementar as discussões lançadas na minha proposta de pesquisa, em que me propôs a habitar o campo da recepção virtual. Portanto, meu encontro inicial com a artista esteve relacionado ao meu corpo em processo de movimento e aproximação mais íntima com o meu objeto de estudo.

Os objetos artísticos: instalação-filme *Black Lake* (2015) e *Stonemilker* (2015) da artista irlandesa Björk Guðmundsdóttir⁴, trazem experiências que permitem o público uma imersão tanto no espaço físico como em uma dimensão de realidade virtual, através do recurso da câmera de captura 360º graus e pelo uso do *Oculus Rift*⁵, também presentes na transformação de videoclipes posteriormente.

Pensando nisso, os diferentes materiais receptivos (comentários) dos próprios vídeos clipes foram coletados e expostos na íntegra como complementação nas reflexões sobre a recepção virtual. Notaremos uma relação mais íntima ao objeto, principalmente pela busca de saciar algum possível vazio em que o *corpo em estado de carência* leva ao compartilhar afetivo com sua materialização.

Já que é um material que vem antes de tudo da experiência empírica e que nos fornecem diversos posicionamentos preciosos, sua íntegra evidencia diversos graus de posicionamento e desestabilização da obra. Campo de tensionamento na recepção virtual, pois perceberemos através dos escritos do público virtual, diversas recepções plurais de leituras. Preservando o anonimato de cada material, os “Nicks” estão citados fielmente como estão disponíveis nos *sites*, isso reflete, na data de postagem e o negrito. Por isso, cada rodapé dará acesso à fonte principal onde podem ser conferidas os seus respectivos nomes.

2 A menção da palavra no feminino neste texto é uma tentativa de subverter o vício linguístico e escrito ao longo dos textos, assim como um convite a um ato político. Pois, sempre encontramos facilmente as palavras no masculino, em que nós estamos sempre mencionando às vezes, inconscientemente.

3 Performer, atriz, cantora e compositora. Seu estilo musical eclético alcançou o reconhecimento popular, e este inclui rock, jazz, música eletrônica, clássica e folclórica. Sua voz também tem sido aclamada por suas qualidades distintivas e incommuns.

4 CD da artista disponível em: <https://mis-sp.org.br/exposicoes/futura/14b2b0bc-650e-4b08-86b0-b1e2c0a9c2b3/bjork-digital>. Acesso em: 08 ago. 2020.

5 Equipamento de realidade virtual para jogos eletrônicos, desenvolvido e fabricado pela Oculus VR.

O VIRTUAL COMO ESPAÇO INTERNO

Para Pierre Lévy (1996) no seu livro "O que é Virtual?", a ideia de virtualização está relacionada à uma transformação de uma realidade que se aproxima a um conjunto de possíveis, em que remete a ideia de imaginário. Nesse sentido, o imaginário se constitui como um espaço virtual que é privado de cada pessoa. Por exemplo, mesmo apreciando um objeto artístico que seja público (uma pintura, um desenho, uma peça de teatro, um vídeo), o espaço interno do imaginário (virtual) cria outra dimensão durante o processo de recepção, que de certa maneira, internalizada e priva a assimilação, seu sentido para si próprio.

O virtual é como uma situação subjetiva, uma configuração dinâmica de tendências, de forças, de finalidades e de coerções que uma atualização resolve. A atualização é um *acontecimento*, no sentido forte da palavra. Efetua-se um ato que não estava pré-definido em parte alguma e que modifica por sua vez a configuração dinâmica na qual ele adquire uma significação. A articulação do virtual e do atual anima a própria dialética do acontecimento ao processo, *do ser como criação* (LÉVY, 1996, p. 94).

Deste modo, ainda que a recepção virtual possa ser considerada impalpável, ela transita por lugares que tecem ligações dinâmicas através do compartilhamento com a realidade que pode ser interna (de acesso pessoal como a mente), ou externa, na medida em que a receptora decide materializar e/ou compartilhar sua experiência em seus perfis pessoais das redes sociais, que funciona constantemente, como uma materialização de atualizações. Assim, "A virtualização não é necessariamente acompanhada por um desaparecimento. Ao contrário, acarreta com frequência um processo de materialização" (LÉVY, 1996, p. 48).

E é dessa materialização que nasce uma reprodução do objeto artístico, como uma fotografia, uma filmagem, um desenho, um depoimento, um comentário verbal, dentre outras. Nisso, existem duas instâncias da materialidade dessas experiências do público, ela é de caráter interno (na mente) e público (reproduzido), presente (quando reproduzido) e ausente (no próprio imaginário).

A reprodução virtual dessas experiências que podem ser uma fotografia, um vídeo, um depoimento, uma montagem, ou objetos cênicos que são mobilizados por um processo inter-relacional com a internet; nunca irão substituir o efeito produzido da experiência física. Mas, não podemos desconsiderar que através dessas materializações evocamos e constituímos, uma nova possibilidade de proporcionar uma recepção diferenciada e expandida ao objeto artístico.

Vivemos na era do deslizar: deslizamos os *feeds*, os *stories*, ignoramos facilmente todo conteúdo que possa nos invadir, não distrair, ofender, não atrair. A recepção de consumo virtual traz uma sensação de um *possível estar no controle*, onde a qualquer momento posso desligar, sair de uma conversa, bloquear uma pessoa, sem necessariamente ter um contato físico com ela. Assim sendo, podemos olhar à virtualidade também para uma perspectiva de *ausência em termos corporais de localização* (BENICIO, 2021).

As inovações tecnológicas e o design mudaram os nossos hábitos drasticamente. O contato com o mundo virtual pode ser um fator estratégico e singular para um preenchimento de uma falta (no sentido de se sentir vazio), que se torna um espaço de fuga flutuante da realidade real. Para Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), a virtualidade diante disso, "é como um hiperespaço que se conjuga como um não tempo, para criar um universo sedoso e flutuante mais diferenciado". (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 228).

A imersão na virtualidade, quase sempre, é resposta a um impulso espontâneo que nos leva a estar permanentemente conectadas, por uma obsessão de otimização abrangente de produção de imagens,

muitas vezes, ilustrada em uma sensação de incompletude do ser que se refugia nelas. Para o filósofo Byung-Chul Han, “hoje, as imagens [builder] não são apenas reproduções [Abbilder], mas também modelos [Vorbilder]. Refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos” (HAN, 2018, p. 53). É exatamente nesse refúgio que sentimos às vezes, necessidade de compartilhar por meio da virtualidade nossa materialização empírica.

A RECEPÇÃO VIRTUAL EM BJÖRK, A ARTISTA DO CORAÇÃO DESPEDAÇADO

Com a criação do *Oculus Rift*, em 2012, surgiram diferentes maneiras de proporcionar experiências a uma realidade imersiva. Acoplada a um aparelho, o objeto permite que o público adentre em uma situação de realidade próxima do real, principalmente quando estas vivências são investidas de uma modificação espacial.

Diversas estruturas tecnológicas passaram a influenciar exposições em museus de arte. Se antes ela acoplava quadros, pinturas, esculturas, dentre outras, com as transformações tecnológicas, alguns destes espaços culturais investiram em experiências imersivas, como é o caso do *The Museum of Modern Art* (MoMA) de Nova York. Com isso, o departamento de Mídias e Artes Performáticas do museu desenvolveu múltiplas configurações espaciais de experiências desde o ano de 1985, quando realizou a primeira exposição de videoclipes.

Em 2015, o MoMA-NY realizou retrospectivas celebrando a carreira de artistas vinculados às expressões visuais e artes performativas, como a artista Björk, que ocupou uma exposição em três andares do edifício. Em um destes espaços, esteve a instalação *Songlines*, composta por objetos utilizados em seus clipes, além de escritos e trechos musicais da cantora.

Nos trabalhos da artista, sentimentos, tecnologias, natureza, feridas, processos de curas pessoais, não são disjuntos. Sua poética transita com muitas possibilidades de gêneros e linguagens de acordo com suas vivências diante de seus sentimentos. Tomando como exemplo, o disco *Vespertine*⁶, lançado em 2001, reuniu temáticas da intimidade e do sexo através de letras dúbias e canções intimistas influenciadas, principalmente, pelo seu casamento com o artista plástico Matthew Barney.

Em *Biophilia* (2011), há fortemente a presença da temática da natureza, na qual cada faixa aborda diferentes elementos: terra, água, fogo, ar. O álbum em formato de aplicativo contou com parceria da empresa *Apple*, que desenvolveu versões das músicas também em instrumental e jogos virtuais.

Já o álbum *Vulnicura* (2015) foi lançado antecipadamente em razão de um vazamento na internet. As músicas são inspiradas e retratam a separação amorosa durante seu processo de cura pessoal. Uma destas faixas é a *Black Lake*, instalação-filme encomendada pelo MoMANY no mesmo ano; essa obra propôs uma experiência imersiva devido às suas configurações espaciais (escuro de uma sala fechada, ambientado com uma arquitetura com texturas próximas a uma caverna e úmida). A exibição se deu com duas telas simultâneas oferecendo uma ocupação autônoma do público. Sobre a construção da música, a artista comenta:

Essa é a música mais difícil do disco para mim. Foi escrita três meses após o divórcio. [...] É como quando você está tentando expressar algo e meio que começa, mas depois nada sai. Você pode proferir cinco palavras e fica preso na dor. E os acordes intermediários representam o que são aqueles minutos de silêncio gaguejante. E então você está preso

6 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UDK3qB4_Brc&list=PL_PD_RD4vvcjZA0q0v8UicO_ely87nZl. Acesso em: 30 jul. 2020.

novamente. Nós os chamamos de ‘congelamentos’, esses momentos entre os versos. Eles são mais longos que os versos, na verdade. É apenas uma emoção quando você está preso. É difícil, mas é também a única maneira de escapar da dor, voltando e fazendo outra tentativa, tentando fazer outro verso. ‘*Black Lake*’ também emprega um método que eu usei há muito tempo, em uma música do Post chamada *Possibly Maybe*. Nessa música, cada verso foi nomeado após um mês, foram nove versos por nove meses. Na verdade, alguns desses versículos acabaram sendo cortados, e é claro que não é tão dramático, mas ele compartilha com... Uma temporalidade? A música progride ao longo do tempo. O primeiro verso acontece um mês depois... Não me lembro com certeza, mas o segundo verso é talvez uma semana depois, e o próximo verso é uma semana depois disso. Quando chegamos ao último verso, algo mudou algo está diferente. (BJÖRK, 2015)⁷.

Encontro nos trabalhos da cantora uma poética íntima, pessoal, sentimental, um mergulho em um ser em múltipla transição de peles enquanto artista. Existe certa delicadeza de exposição que não busca uma linearidade de definição, e sim de serem processos configurados para serem sentidos, mais do que definidos. As propostas de Björk ultrapassam a unidade de coautoria cênica, de interatividade. A mistura de linguagens e a própria disseminação de seus trabalhos nos espaços virtuais atingem camadas profundas, relacionadas aos aspectos sentimentais. A olhadela (DESGRANGES, 2012) detectada nas exposições de recepções coletadas de usuárias e usuários virtuais no vídeo clipe a seguir evidenciam isso.

Sou fã de Björk desde que me lembro... Ela sempre ilumina minha alma. Seu relacionamento com Matthew chegou ao fim. E isso a partiu em pedaços... Eu sofri com um coração partido no meu passado. O amor da minha vida há muito se foi e se casou com outra pessoa. E é por isso, que consigo entender a dor dela. Essa música me fez chorar. O vídeo é tão emocionante e profundo em sentimentos reais. Quando ela bate no coração... Eu fiz isso também enquanto chorei pelo meu amor perdido. Meu coração pareceu parar. Não pude sentir... Björk, obrigado por compartilhar isso com seus fãs. Nós estamos com você. (**Rafael Rosal**, 2016)⁸.

Eu terminei depois de 11 anos... Estou com o coração partido e esta faixa representa tudo que sinto... Sinto que estou me afogando... Sinto que não há vida após vida... Sinto-me perdido, sinto que este é o meu fim. Essa música é tudo para mim, é tudo o que me resta. Perdi tudo... Meu coração é um lago escuro. (**Joe Hampton**, 2017)⁹.

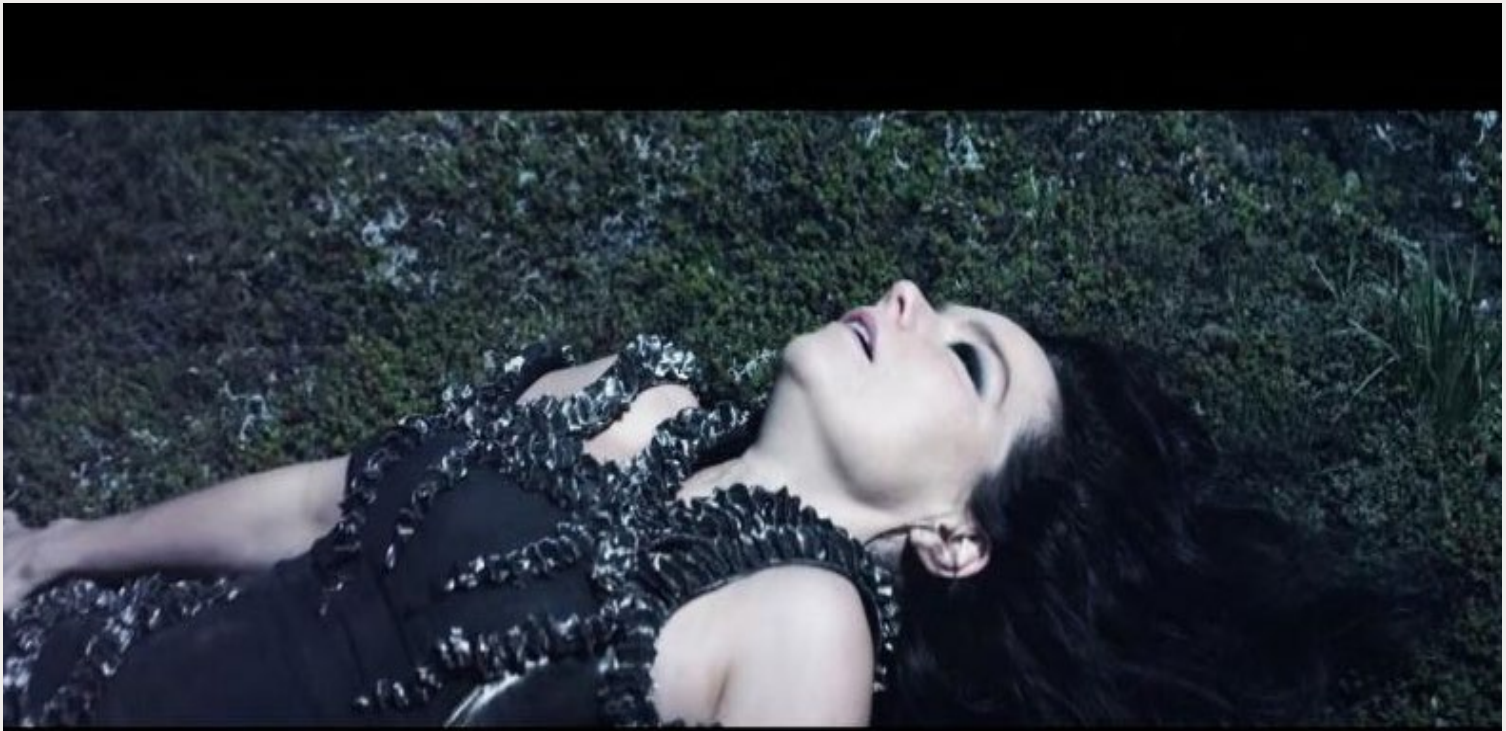
Essa música sempre significou muito para mim. É a música mais triste que já ouvi na minha vida e agora me vejo passando por um momento imensamente doloroso por perder um ente querido para a pandemia. Eu sabia que tinha que voltar aqui e entender que, às vezes, precisamos abraçar sentir e sofrer nossa dor em vez de ignorá-la. É um caminho necessário para a cura(**nubl371**, 2020)¹⁰.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJIpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJIpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJIpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJIpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.



Eu sinto que o começo no túnel escuro é o seu ‘fundo do poço’, e ao longo do vídeo ela sobe nele e passa para ‘pastos mais verdes’, como pode ser visto na foto final. Simples, bonito e eficaz. A mão no meu coração quando ouço dizer que, essa música aqui, é, considerando todas as formas de arte, uma das maiores obras-primas do nosso tempo. (Luncea28, 2017)¹¹.

Essa música é muito importante para mim. Eu acho que o mais importante de todos os *Vulnicura*. Pode não ser a melhor nem a mais feliz de sua discografia, mas eu estava salvando essa música como ‘ouro’ para ouvi-la ao vivo no concerto que ela deu em Barcelona em julho passado - 2015. Toda vez que ouço, minha veia sensível entra e muitas vezes, tenho lágrimas. Eu a amo, isso me dá muitas sensações. Obrigado Björk. (Eli Shane, 2016)¹².

Nas recepções anteriores, notamos uma recorrência aos aspectos de empatia, em relação ao término da cantora. É possível perceber também, momentos de gatilhos pessoais que retrocederam no tempo para algumas que identificaram e relacionaram às outras vivências. Nunca sentida repentinamente, em razão das próprias trocas de pele que sobrepõem o si com o passar de outras relações, com outros objetos; a experiência pode ser uma sobreposição de outra, que se redimensiona, que se expande e cria graus enunciativos, proporcionando uma superação constante de mutabilidade do si.

Os espaços virtuais podem ser uma descarga de confessionários afetivos. A recepção com os objetos, muitas vezes, incita a um posicionamento de confronto, de se expor, de comentar sobre o que se sente de acordo com o grau de assimilação. Estas relações circunscrevem, inconscientemente, uma análise empática ao objeto. A fruição desperta uma ligação da história pessoal e não cessa, descortina apenas uma camada fina de relações que vieram à tona com sua conferição.

A recepção descortina um *estado de carência* desse corpo que busca de alguma forma, uma aproximação e se saciar com o objeto. Este ato de se retirar da realidade real ou se curar de alguma ferida antecedente permitem ao público um desvelamento pessoal, um olhar para si. Recorrer ao objeto na tentativa de se ver e se reinventar nele é um aspecto muito próximo de uma regressão de tipo narcísica, na medida em que o público associa e inscreve o seu sentido para si próprio como um olhar invertido.

Dessa forma, há uma relação dinâmica como um jogo imaginário do olhar, onde o público virtual é capaz de redimensionar sua recepção e enxergar na materialidade artística, sua própria pessoa sendo representada, nutrindo ainda mais suas reflexões pessoais.

O público relativamente sabe da inexistência de uma experiência física em *termos corporais*, sabe que o contato ao objeto não passa de uma projeção, portanto intocável. Consciente disso, a virtualidade traz a possibilidade da imersão em satisfazer e suprir, de algum modo, uma ausência com relação a outra. Essa identificação com a outra, ou ao objeto, consiste em erigi-la no eu, na busca por reduzir ou suprir uma perda interior (no sentido metafórico de algo ou alguém). Nesse sentido, a identificação ao objeto pode ser encarada como um efeito estrutural de uma situação pessoal, mais do que um efeito de relação psicológica com um personagem, por exemplo.

A atenção do público facilmente pode ser capturada à um contato fragmentário de um objeto (filme, música, imagem, discurso verbal, discurso textual, dentre outras). Não importa, por exemplo, em princípio, saber da natureza psicológica de um personagem, da cantora, da artista, da narrativa completa da materialidade do objeto, dos recursos utilizados para a construção dele, bastando apenas um pequeno contato mínimo que

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJlpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

12 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJlpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

seja ao objeto, para que o público se sinta convidado à fruição, restando a esse contato, uma situação que despertou um desejo de consumo pela sua experiência. Portanto, a identificação é um efeito estrutural de uma situação que ocasiona uma rede de relações instauradas em cada recepção.

Jacques Aumont (2005), dissertando sobre vários aspectos de identificação do filme e sua relação com a recepção, parafraseia Jacques Lacan, para exemplificar as diversas ramificações de identificação. Diante disso, recorro sua citação justamente para complementar a discussão levantada:

Nesse jogo de lugares, nessa rede de relações instaurada por cada nova situação, é possível dizer, para parafrasear Jacques Lacan, que o espectador está em seu lugar, não importa onde. Em uma cena de agressão, por exemplo, o espectador vai se identificar, ao mesmo tempo, com o agressor (com um prazer sádico) e com o agredido (com angústia); em uma cena em que se exprime um pedido afetivo, vai identificar-se, simultaneamente, com aquele que está na posição do que pede e cujo desejo é contrariado (sentimento de carência e de angústia) e com aquele que recebe o pedido (prazer narcísico): volta-se a encontrar, mesmo nas situações mais estereotipadas, essa mutabilidade fundamental da identificação. (AUMONT, 2009, p. 271).

Esses exemplos que o autor traz em relação específica aos filmes parece não ocorrer apenas nesse tipo de objeto. Contemplam também, outras relações em outros objetos. Principalmente aos que são acessados virtualmente, despertando outro elemento, o da empatia. A seguir identificaremos nas recepções virtuais ao videoclipe *Stonemilker* (2015), aspectos identitários de um *corpo em estado de carência* e deprimido. O trabalho foi estreado em uma das lojas das Rough Trade, em Londres e gravado em uma gruta da Irlanda em paralelo com *Black Lake*.

O clipe traz uma experiência que coloca o corpo do público em outra reconfiguração e modificações espaciais, efeito esse gerado, através de setas acopladas ao vídeo (ver imagem 3 e 4), permitindo ao público um controle do ângulo a ser visto do espaço e do corpo da artista. Isso se dá, graças ao instrumento da câmera de captura 360º, recurso utilizado na elaboração do objeto.

Essa música me pegou em um momento em que eu estava emocionalmente chateado, foi como um feitiço que me fez me acalmar e eu fiquei presa em seu charme e fui forçada a repeti-la e repeti-la como viciada. O vídeo foi o clímax do buraco de minhoca para outra realidade (Julian Afonzo, 2018)¹³.

Ultimamente tenho estado muito deprimido e essa música me atingiu diretamente no coração, ela é tão bonita e me dá o conforto de uma mãe. Eu estou olhando meus olhos(batsu4eva, 2019)¹⁴.

Essa música me faz chorar toda vez. Não entendo o porquê, mas acho que não preciso... (HAW2, 2020)¹⁵.

Essa música sempre me faz querer chorar. Só posso imaginar como ela deve ter se quebrado durante esse período de sua vida, família e carreira (Rainepanda, 2018)¹⁶.

13 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

14 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

16 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

Não importa quantas vezes eu ouça essa música, ela ainda reverbera intensamente no meu peito. Não posso deixar de ser inundado de emoção, e a emoção se manifesta em lágrimas (Nancy Velasquez, 2018)¹⁷.

Nem consigo descrever os sentimentos que escuto e assisto a essa música! Eu quero chorar, mas não lágrimas tristes, apenas lágrimas felizes. E Björk parece um anjo angélico cantando para usar como se ela estivesse tentando nos curar de nossas feridas e tristeza usando a força da natureza (ARB San, 2020)¹⁸.

[...] O corpo tem o fundamental papel de manifestar essa canção do mesmo modo que a dor se manifesta imagetivamente - a ferida que tanto dói toma conta desse corpo que padece ao passo da narrativa, reencena o processo de regeneração. Talvez aqui o corpo funcione como este gancho que repete *ad nauseum* sua história de perda e também nos convoca a assistir esta história através de sua imagem. O corpo possui em (sic) si uma dimensão articulativa, que promove a partir de suas características e movimentos uma performance codificada, cuja presença e gestos cria uma tensão na imagem e evoca, por si, os discursos a qual foi previamente atrelado - sejam eles de ordem midiática ou plástica (MONTEIRO, 2017, p. 86).

17 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

18 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.



O desejo de expor os sentimentos e as escritas correspondem, muitas vezes, uma tentativa de se livrar do peso de sua existência, do alívio imediato do si buscando algum amparo a outra pessoa, ou objeto, isso pode acontecer devido à pressão de esgotamento atrelada à um cansaço interno de suas experiências desgastadas, de seu possível vazio interior. Uma vez chegado o momento de transformar-se em outra, de recomeçar um novo percurso, é necessário novas relações que façam desaparecer, momentaneamente, os vestígios das lembranças, que ferem de forma invasiva o seu ser. E é nesse interim que as identificações com o objetivo se tornam mais potencializadas pelo imaginário durante a recepção.

A identidade inicia um novo processo lento para ser mutável consigo. Para o filósofo Le Breton “A identidade que o indivíduo se constrói e se reconstrói; através de sua narrativa é sem dúvida uma ficção, mas ela é o único meio de aproximar de si através de um processo sem fim que não cessa de se ajustar” (LE BRETON, 2018, p. 203).

Neste momento e nesta fase da minha vida limitada... Essa foi a melhor coisa que eu já vi. Vindo de alguém que de alguma forma perdeu a era de Björk, estou apenas descobrindo sua capacidade incomparável de projetar paz e amor para aqueles que têm a sorte de experimentá-la. O céu aberto quase me forçou a relaxar na minha vida agitada e estressante. Esse último suspiro... Parece o primeiro que tomei em alguns anos. (Jimmy Johnson, 2020)¹⁹.

Eu não li ou descobri a coisa 3D depois de um minuto, então eu estava andando em círculos enquanto estava sentado na minha cama e segurando meu *iPad* no ar, para que eu pudesse segui-la, comecei a sorrir com uma ideia maravilhosa e divertida, mas sem perceber, parei de prestar atenção aos líricos e comecei a sentir, sentir a música, sentir a praia e senti-la através de tudo isso, então senti que ela estava ali cantando seu coração para mim, agora eu estava sentindo sua tristeza, continuei me virando, mas sei que estava chorando, estava me sentindo tão melancólico e vulnerável. Não queria parar, mas fiquei feliz quando terminou porque tive que enxugar minhas lágrimas. Isto é o que é um verdadeiro artista, como no mundo eu poderia ser tão transportado sem nem perceber. (Juan Xavier, 2018)²⁰.

Quando me sinto um garoto perdido, venho a Björk e me encontro. Seus dedinhos remendam os buracos em mim como flores silvestres, musgo, conchas do mar e lama. E outra vez. Sua energia, amor e curiosidade são infinitos. O suficiente para consertar todos nós. (Bielorosso Americano, 2019)²¹.

Este clipe é uma verdadeira epifania. É difícil imaginar a quantidade de possibilidades oferecidas por esta técnica: câmeras 4K produzindo um vídeo em 360º graus e usando efeitos visuais simultaneamente (!). É bom ter uma artista única, como Björk, para vincular tudo de maneira tão bela e organicamente. (Daniel Magalhães, 2015)²².

Eu realmente precisava ouvir essa música hoje. Não tenho sido tão ‘aberto’ como deveria estar com a pessoa que amo ultimamente, e Björk me ajudou a ver o tipo de dor que pode criar. Eu gostaria que fosse tão simples quanto pedir desculpas, mas sei que não será e que será necessário trabalho para se abrir, permanecer aberto e sincronizar nossos sentimentos. Obrigado, Björk. Boa sorte para todos os outros amantes perdidos e abandonados por aí.

19 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

20 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

21 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

22 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

(Kennedy Castle, 2019)²³.

Com essa música, eu definitivamente abandono minhas defesas... Perdidas no mar, longe da costa, flutuando no espaço de uma maré milenar que vem e vai... Abandonou um naufrago do poço do coração... Na escuridão e acima de tudo, espectro de luz embalado pelas ondas sonoras. Posso dizer algo sobre respeito emocional... Se existe amor real, não existe respeito emocional porque ele já existe como padrão de um relacionamento amoroso... Amor significa respeito e seu comportamento automático de um sentimento forte, que é o Amor puro e simples... Digo que, por causa das minhas experiências 'amorosas' passadas não têm nada contra todos os meus parceiros do passado, mas eles não estavam completamente na minha alma do ser, porque sou músico e isso me torna muito diferente dos outros... Não estou dizendo que sou melhor, apenas estou dizendo que sou 'diferente' e preciso de alguém que esteja no meu comprimento de onda... (Sal Talgilmour, 2019)²⁴.

A experiência receptiva também corresponde a vários graus enunciativos. Ela desenvolve vicissitudes de acordo com a identificação singular de quem frui e, com isso, envolve diversas camadas impossíveis de serem medidas e reagrupadas, pois nunca conseguiremos sentir o que a outra sente. Apenas poderemos ter outra recepção de acordo com o que a outra oferece com suas escritas, imagens, seu corpo, suas postagens, dentre outras.

A experiência pode ser como um pêndulo que transita entre o pessoal, o estético e a assimilação geradora de um processo pedagógico interno que acontece no imaginário. Ela descortina um envolvimento emocional e de afeto com o objeto. O contexto sociocultural, a expectativa, o rompimento da expectativa, a sensibilidade de afetação reconstrói novas experiências que arrebatam, de jeito, o constante fluxo de relações. Convidam-nos deste modo, a entrar em contato com o objeto, de forma que, o contato com a materialidade da experiência da outra, desperta uma camada de identificação pessoal onde nos vemos, muitas vezes, contempladas nas palavras da outra.

A percepção gera diversos graus receptivos. Em um primeiro momento, ela imerge na experiência estético-poética, cria-se certa expectativa que é rompida ou surpreendida por algo que não esperava. Em seguida, é criada após a experiência ou uma aversão, ou uma identificação de proximidade ao objetivo. Em outro momento, o público sente necessidade de materializá-la e reconstitui-la para ser disseminada ou passada verbalmente para outras pessoas. Em síntese, se é criado um círculo concêntrico que direciona uma atenção àquele objeto por algum momento. Onde, ocasionalmente, um simples fragmento dele é suficiente para seduzir e levar a apreciação.

A relação com o objeto incita múltiplas questões que levam o público a consumi-lo, ou ele é seduzido por uma crítica, ou ele é seduzido por um comentário apaixonante, procurando criar suas próprias conclusões e, às vezes, se ver no próprio objeto, ou repudiá-lo. Deste modo, o público pode se lançar em *um estado de busca*. Cada experiência apresenta um vasto universo particular, que é resposta também, de uma construção social de outras experiências antecedentes e vivências que podem interferir no posicionamento e visão de mundo.

A materialização da experiência seja numa perspectiva presencial *em termos corporais* nos discursos verbais, ou virtuais nos registros digitais dos *sites*, são potencialidades pertinentes de serem encaradas

23 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

24 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

como coletas de pesquisas como campo de tensionamento da recepção virtual. Tudo apresenta um campo fértil, infinito, justamente pela quantidade de produção dessa materialidade virtual que é disseminada em distintos perfis. Dentre muitas escolhas que possam ser estabelecidas com cada contato da materialidade da experiência virtual, ao uni-las, percebemos complementações de assuntos muito recorrentes pela experiência ao objeto.

Assim sendo, são descortinados distintos horizontes plurais de empatias e de identificações nas materialidades das experiências, pois permitem uma incursão em um recorte específico de quem as selecionou, proporcionando revisitações, tecendo relações íntimas, pessoais e extra cotidianas. Em vista disso, permitem-nos uma expansão enquanto espaço poético ao campo de tensão com a recepção, mesmo sendo reconfigurado e reelaborado a cada análise específica. Tornar o objeto empírico como fator de potencialização, isto é, significa ampliar a noção de análise receptiva da materialidade da experiência.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. et al. **A Estética do Filme**. Trad. Marina Appenzeller. 7^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

BENICIO, R. K. O. A Mutabilidade das Recepções: do presencial ao virtual. **Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)** – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: [Universidade Federal da Bahia: A mutabilidade das recepções: do presencial ao virtual \(ufba.br\)](http://ufba.br). Acesso em: 29 maio 2021.

DESGRANGES, Flávio. **A Inversão da Olhadela**: alterações no ato do espectador teatral. São Paulo: Hucitec, 2012.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. **Desaparecer de Si**: uma tentação contemporânea. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A Estetização do Mundo**: viver na era do capitalismo artista. Trad. Eduardo Brandão. 1^a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MONTEIRO, Julio Pio. Nomadismo Sensível: estética do videoclipe e tensionamentos em Stonemilker e Black Lake. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)**. Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/32584>. Acesso em: 01 maio 2020.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<https://www.youtube.com/watch?v=gQEyezu7G20>. Acesso em: 29 jul. 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=YGn1pJlpZw8>. Acesso em: 30 jul. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=UDK3qB4_Brc&list=PL_PD_RD4wvcjjZA0q0v8Uic0_ely87nZI. Acesso em: 30 jul. 2020.

<https://mis-sp.org.br/exposicoes/futura/14b2b0bc-650e-4b08-86b0-b1e2c0a9c2b3/bjork-digital>. Acesso em: 08 ago. 2020.